

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LOUIS MALLE, O REBELDE SOLITÁRIO

25 de Novembro de 2022

DAMAGE / 1992

RELAÇÕES PROIBIDAS

um filme de LOUIS MALLE

Realização: Louis Malle *Argumento:* David Hare, a partir do romance de Josephine Hart *Fotografia:* Peter Biziou *Som:* Jean-Claude Laureux *Montagem:* John Bloom *Música:* Zbigniew Preisner *Direcção artística:* Brian Morris, Richard Earl *Cenografia:* Philippe Turlure *Guarda-roupa:* Milena Canonero *Interpretação:* Jeremy Irons (Dr. Stephen Fleming), Juliette Binoche (Anna), Miranda Richardson (Ingrid), Rupert Graves (Martyn), Ian Bannen (Edward), Peter Stormare (Peter Wetzler), Gemma Clarke (Sally), Julian Fellowes (Donald Lyndsay), Leslie Caron (Elizabeth), Tony Doyle (Primeiro-Ministro), etc.

Produção: Nouvelles Éditions de Films, Skreba Films, StudioCanal (UK, 1992) *Produtores:* Louis Malle, Vincent Malle, Simon Relph *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português, 110 minutos *Estreia:* 9 de Dezembro de 1992, em França *Estreia comercial em Portugal:* 8 de Janeiro de 1993 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Século XX, início dos anos 90. Jeremy Irons e Juliette Binoche eram dois prestigiados actores europeus de cinema, de origens geográficas e gerações distintas. O britânico Irons, formado no teatro e versado em Shakespeare, fazia cinema há cerca de uma década. Em crescendo desde uma primeira participação em *Nijinsky* (Herbert Ross, 1980), e sobretudo a partir de *Moonlighting* (Jerzy Skolimowski, 1982) e *The French Lieutenant's Woman* (Karel Reisz, 1981), época em que a série televisiva britânica *Bridghead Revisited* popularizava o seu trabalho. E já houvera *Dead Ringers* (1988), o primeiro dos seus dois filmes sob a direcção de David Cronenberg, no duplo papel dos gémeos de profissão ginecológica que se envolvem com uma mesma mulher; o segundo, o igualmente fabuloso e igualmente perturbador *M. Butterfly*, filme da metamorfose, do desejo e da projecção, é contemporâneo de *Damage*. Dezasseis anos mais nova, a francesa Binoche, que também fazia teatro, estreara-se no cinema sensivelmente pela mesma altura, trabalhando com Jean-Luc Godard (*Je vous salue Marie*, 1983), Jacques Doillon (*La vie de famille*, 1985), André Téchiné (*Rendez-vous*, 1985) ou Leos Carrax (*Mauvais Sang*, 1986), mais ou menos pela mesma altura em que *The Unbearable Lightness of Being* (Philip Kaufman, 1988) projecta o seu nome noutras paragens. Louis Malle olhou e viu-os como par perfeito da história danada de *Damage*, a partir do romance de Josephine Hart, um *bestseller* “de paixão e traição” de 1990. Dizem fontes informadas que a adaptação é fiel.

No genérico do filme de Malle, o título de letras garrafais azuis sobre negro inscreve primeiro *Dam*, palavra para contenção (represa, por hipótese) com ressonância maldita (*damn*) e depois completa, numa espécie de imagem godardiana, *Damage* (estrigo, perda, lesão). Uma brecha. Não tarda muito no filme, já a paixão e a traição se consumam numa trama de obsessão erótica, para que se escute uma frase-chave (está no romance), dita por Binoche a Irons, isto é, por Anna, a enigmática recém-namorada de Martyn, a Stephen, o impecável ministro britânico que é pai de Martyn – e pai de

família aparentemente tranquila, não obstante o estranho lugar nela ocupado pela desatenção à filha mais nova: “Damaged people are dangerous, they know they can survive.” As pessoas devastadas são perigosas, sabem que conseguem sobreviver. É uma declaração-aviso, que aponta para a tragédia que efectivamente há-de consumir-se como, de resto, a personagem da mãe de Anna, a Elizabeth da presença magnífica de Leslie Caron, prenuncia quando aparece para conhecer a família do noivo da filha e reconhece o abismo: a aproximação da réplica da tragédia matricial que, na sua própria família, abriu o ferimento profundo de Anna deixada sobrevivente com o suicídio do irmão de 16 anos, por amor – conta ela, elidindo a parte interdita da história. Os ingredientes excessivo-folhetinescos de *Damage* roçam uma sordidez que estilhaça o ambiente polido da alta sociedade londrina em que a acção decorre, entre gabinetes governamentais, casas aristocráticas, convívios diplomáticos, hotéis de muitas estrelas. Mas Malle descentra-se razoavelmente deles. Há um gelo que corta, mais do que um fogo que queima, à volta do incendiário encontro entre aqueles dois seres que o filme alicerça.

Numa nota crítica de 1993, Adrian Martin releva o minimalismo dramático de *Damage* que, nos termos da sua argumentação, procede com o despedaçar da vida da personagem de Irons navegando entre a fachada lisa do seu respeitável mundo e os encontros sexuais com a personagem de Binoche: “*Damage* é um daqueles filmes cuja experiência supera o debate. Articulado de forma literária, os seus motivos e personagens são simplistas, mesmo banais. Mas Malle realizou um filme cristalino, quase abstracto, no qual os gestos, silêncios, texturas e luz existem em harmonia orgânica, perfeita”. Talvez nem tanto, visto hoje, embora se vislumbre o horizonte abstracto que *Damage* procura e chega a materializar no desfecho: no quarto da vida retirada de Stephen no “posfácio”, anos mais tarde, a ampliação fotográfica volatiliza os fantasmas representados na imagem a preto-e-branco dele com Martyn e Anna colada à parede; o grande plano final é tão aproximado que a imagem se dissolve na pura indefinição.

Duas últimas notas. Uma para não deixar passar em branco como “outra” personagem feminina de *Damaged*, a mulher de Stephen, mãe de Martyn (Ingrid), encontra a medida justa da interpretação de Miranda Richardson. A segunda, uma constatação: elegantemente filmados como cenas coreográficas, os encontros sexuais de Stephen e Anna começam sob o signo da imagem crística dela, de braços e expressão abertos diante do amante da primeira vez em que se encontram a sós sabendo quem são e quem não são. Nos vários momentos corpo a corpo que se seguem até que a tragédia venha interrompê-los, há uma cena dissonante na vez em que a narrativa se desloca a Paris, onde Anna e Martyn passam um fim-de-semana em noivado e a urgência de Stephen encontra Anna à porta de uma igreja como se o filme fosse outro.

Maria João Madeira